

Rua do jardim botanico parallela á gradaria e porticos da entrada

COIMBRA

O JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE

Quero encostar-me á longa balaustrada,
Ao lado d'estes alamos frondosos,
No extremo do terrado,
E ver d'aqui as pompas tão variadas,
Da natureza indigena conjunctas
Em quadro sumptuoso.

— Imperio lindo da risonha Cloris,
Enfileirado ahi por longas ruas
E verdes taboleiros,
A' sombra de marmoreos obeliscos,
Immensa gradaria, altas columnas,
E porticos soberbos.

J. F. de S.

Data do tempo do marquez de Pombal a creação d'este magnifico estabelecimento scientifico, que, pela sua vastidão e construcção opulenta, pela variada collecção de plantas, tanto indigenas como exoticas, que o povoam, pela sua grandiosa estufa, e, finalmente, pela sua encantadora posição, é o enlevo de quantos o visitam.

O jardim botanico de Coimbra é incontestavelmente o melhor do reino sob todos os respeitos. Deveria por certo concorrer muito para o seu esplendor ter sido organisado sob a inspecção de um homem que, pelo seu abalisado merito e profundo conhecimento da sciencia dos vegetaes, é reconhecido universalmente como o primeiro botanico de Portugal. Já se vê que nos referimos ao dr. Felix de Avellar Brotero, que com bem fundado orgulho podêmos collocar entre os Tourneforts, De Candolles, Links, Linneos e outras celebridades scientificas.

A botanica tem tido no nosso paiz, desde antigos tempos, cultores mui distinctos, que para os progressos d'esta sciencia tem prestado grandes serviços; não nos consta, porém, que ella se ensinasse na universidade antes da memoravel reforma de 1772.

Por este tempo estava a botanica em grande esplendor, devido principalmente ao grande impulso que o famoso naturalista Linneo havia dado ao seu estudo. Sabios mui insignes se começaram então a applicar com vivo ardor a este interessantissimo ramo das sciencias naturaes.

Vendo, pois, os grandes reformadores da universidade o empenho com que nos paizes mais civilisados da Europa se cultivava a botanica, e compenetrados da sua utilidade, ordenaram que ella se professasse em o nosso primeiro estabelecimento scientifico, fazendo parte da cadeira de historia natural.

Nos sabios e judiciosos estatutos que foram a base da reforma, providenciando-se ácerca dos estabelecimentos da faculdade de philosophia, se ordena a fundação do jardim botanico pela maneira seguinte:

«Ainda que no gabinete de historia natural se incluem as producções do reino vegetal; como, porém, não podem ver-se n'elle as plantas senão nos seus cadaveres, sêccos, macerados e embalsamados, será necessario para complemento da mesma historia o estabelecimento de um jardim botanico, no qual se mostrem as plantas vivas.

«Pelo que: No logar que se achar mais proprio e competente nas visinhanças da universidade se estabelecerá logo o dito jardim, para que n'elle se cultive

todo o genero de plantas, e particularmente aquellas das quaes se conhecer ou esperar algum prestimo na medicina e nas outras artes; havendo o cuidado e providencia necessaria para se ajuntarem as plantas dos meus dominios ultramarinos, os quaes tem riquezas immensas no que pertence ao reino vegetal.»

Ao tempo da reforma presidia á universidade D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, posteriormente bispo de Coimbra. Foi a este homem de genio vasto, fecundo e emprehendedor que o marquez de Pombal incumbiu de pôr em pratica as sábias determinações decretadas nos estatutos, e no desempenho d'esta gloriosa missão começou elle a intender immediatamente com grande zelo e fervor.

No principio do anno de 1773 já tratava de providencias para a fundação do jardim, segundo se deprehende do seguinte, que o marquez lhe escrevia em carta de 12 de fevereiro do mesmo anno:

«Devendo ahi chegar com muita brevidade o tenente coronel Guilherme Elsden, elle delineará perfeitamente o horto botanico pelos apontamentos dos professores que v. s.ª me avisou que iam em sua companhia reconhecer o terreno que para elle se acha destinado.»

Em 2 de março do referido anno dizia o marquez n'outra carta a D. Francisco de Lemos:

«A inspecção, a que v. s.ª foi assistir, do terreno destinado para o horto botanico, me causou grande prazer por todas as considerações que v. s.ª faz ao sobredito respeito. A esse fim vae a provisão necessaria para se proceder á compra do dito terreno, demarcação d'elle, e ao prompto estabelecimento do referido horto [1].»

Os doutores italianos Domingos Vandelli e João Antonio Dala Bella, que foram encorporados na universidade logo depois da reforma, o primeiro para lente de historia natural, o segundo para professar sciencias physico-mathematicas, fizeram um risco para o horto botanico. Receando, porém, o marquez que a construcção da obra segundo a delineação por elles feita importasse em somma mui avultada, não deu á planta a sua approvação, como se vê de uma carta que escreveu ao reitor em 5 de outubro de 1773, a qual, por nos parecer muito interessante, achâmos conveniente transcrever aqui:

«Reservei até agora a resposta sobre a planta que esses professores delinearam para o jardim botanico, porque julguei preciso precaver a v. ex.ª mais particularmente sobre esta materia.

«Os ditos professores são italianos; e a gente d'esta nação, costumada a ver deitar para o ar centenas de mil cruzados de Portugal em Roma, e cheia d'este enthusiasmo, julga que tudo o que não é excessivamente custoso não é digno do nome portuguez ou do seu nome d'elles.

«D'aqui veiu que, ideando elles n'esta corte, junto ao palacio real de Nossa Senhora da Ajuda, em pequeno espaço de terra um jardim de plantas para a curiosidade, quando eu menos o esperava achei mais de cem mil cruzados de despeza tão exorbitante como inutil.

«Com esta mesma idéa talharam pelas medidas da sua vasta phantasia o dilatado espaço que se acha descripto na referida planta. O qual vi, que sendo edificado á imitação do pequeno recinto do outro jardim botanico, de que acima fallo, absorveria os meios pecuniarios da universidade antes de concluir-se.

«Eu, porém, entendi até agora, e entenderei sempre, que as coisas não são boas porque são muito custosas e magnificas, mas sim e tão sómente porque são proprias e adequadas para o uso que d'ellas se deve fazer.

«Isto que a razão me dictou sempre vi praticado especialmente nos jardins botanicos das universidades de Inglaterra, Hollanda e Allemanha, e me consta que o mesmo succede no de Padua, porque nenhum d'estes foi feito com dinheiro portuguez. Todos estes jardins são reduzidos a um pequeno recinto cercado de muros, com as commodidades indispensaveis para um certo numero de hervas medicinaes e proprias para o uso da faculdade medica; sem que se excedesse d'ellas a comprehender as outras hervas, arbustos, e ainda arvores das diversas partes do mundo, em que se tem derramado a curiosidade, já viciosa e transcendente, dos sequazes de Linneo, que hoje tem arruinado as suas casas para mostrarem o *malmequer da Persia*, uma *açucena da Turquia*, e uma geração e propagação de *aloes* com differentes appellidos, que os fazem pomposos.

«Debaixo d'estas regulares medidas, deve, pois, v. ex.ª fazer delinear outro plano, reduzido sómente ao numero de hervas medicinaes que são indispensaveis para os exercicios botanicos, e necessarias para se darem aos estudantes as noções precisas para que não ignorem esta parte da medicina; como se está praticando nas outras universidades acima referidas com bem pouca despeza: deixando-se para outro tempo o que pertence ao luxo botanico, que actualmente grassa em toda a Europa. E para tirar toda a dúvida, póde v. ex.ª determinar logo, por uma parte, que sua magestade não quer jardim maior, nem mais sumptuoso, que o de Chelsea, na cidade de Londres, que é a mais opulenta da Europa; e pela outra parte, que debaixo d'esta idéa se demarque o logar; se faça a planta d'elle com toda a especificação das suas partes; e se calcule por um justo orçamento o que ha de custar o tal jardim de estudo de rapazes, e não de ostentação de principes, ou de particulares, d'aquelles extravagantes e opulentos, que estão arruinando grandes casas na cultura de *bredos*, *beldroegas*, e *poejos* da *India*, da *China* e da *Arabia* [1].»

(Continúa) AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

[1] Tomo I dos originaes do marquez de Pombal, existente na secretaria da universidade.

O abbade e religiosos de S. Bento não quizeram indemnisação alguma pelo terreno que lhes pertencia, e a offerta foi acceita com termos mui honrosos pela carta do marquez de 8 de janeiro de 1774. Ainda se comprou um pedaço de planicie que pertencia aos mariannos; e aforou-se ás religiosas de Sant'Anna parte de um olival, pela qual ainda hoje a universidade paga fôro ao mosteiro.

[1] Esta carta encontra-se na secretaria da universidade, a pag. 133 do tomo I dos originaes do marquez de Pombal.

A INFANTA D. BEATRIZ, DUQUEZA DE SABOYA

(Conclusão. Vid. pag. 347)

IV

D. Beatriz, segunda filha del-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, nasceu nos paços da Alcaçova, em Lisboa, no dia 31 de dezembro de 1504. Foi uma das mais gentis princezas que floresceram em torno do solio portuguez. O retrato o demonstra; e esse retrato é authentico, porque foi copiado do que existe em Turim na galeria dos duques e duquezas de Saboya. Intelligente e prendada devia-o ser, porque teve por mestre Bernardim Ribeiro, e este, que d'ella se namorára cultivando-lhe o espirito, não se deixaria captivar apenas pela gentileza do rosto, se os dotes da intelligencia lhe não realçassem o encanto.

Contava apenas doze annos de edade quando a pediu em casamento o duque de Saboya, Carlos III. A isso o moveria o desejo de se alliar com Portugal, não pela influencia que este paiz então exercesse na Europa, influencia que a sua posição geographica e o seu desejo de se occupar quasi exclusivamente dos negocios ultramarinos faziam de pequena monta, mas pela opulencia do reino e pela sua importancia como potencia maritima, importancia que daria um certo peso á sua espada se um dia a quizesse lançar na

balança dos negocios europeus. D. Manuel recusou a alliança, allegando rázões frivolas, mas cujo verdadeiro motivo devia ser um receio, que os acontecimentos depois justificaram. Principiavam então a atormentar a Europa as dissensões entre Francisco I de França e o imperador Carlos V. A Saboya, entalada entre os dois poderosos adversarios, devia aparar os primeiros golpes ou de um ou de outro, e ser implacavelmente sacrificada nas pazes, segundo as tendencias egoistas de então. Casar uma filha sua com um soberano collocado em taes contingencias era expol-a irremediavelmente aos azares de uma existencia tragica.

Mas o duque não desistiu do intento, e as instancias redobraram, quando laços intimos ligaram o rei D. Manuel ao poderoso rei de Hespanha. Era irmã de D. Beatriz a esposa de Carlos V; em 1517 casava com o rei de Portugal a irmã de Carlos, a desgraçada D. Leonor. As vantagens da alliança tornavam-se então enormes para o duque de Saboya, tanto mais quanto elle tomára o partido do imperador, e desejava prender a si pelas correntes mais fortes o seu omnipotente alliado. Não se enganou de todo nas suas previsões, e, segundo affirmam os notaveis escriptores Léo e Bota no vol. II da sua *Historia da Italia*, a amizade das duas irmãs não foi estranha á influencia indirecta que o duque de Saboya durante algum tempo exerceu no espirito do imperador.

A final, em 1521 rendeu-se D. Manuel ás suas instancias. Foi o desejo de quebrar os laços de amor que se iam estreitando entre Beatriz e Bernardim, ou foi antes a influencia de Carlos V, desejoso de favorecer o seu alliado? Sorri ao romance a primeira conjectura, a segunda parece mais conforme com a logica da historia, sem que esta, comtudo, rejeite completamente a influencia da primeira razão no espirito de um pae e de um rei.

Decidido o casamento, resolveu-se D. Manuel a celebral-o com o esplendor então habitual n'esta corte. Foram sumptuosas as festas, e para ellas contribuiu Gil Vicente com o seu auto *As cortes de Jupiter* [1], seguindo o exemplo de Torres Naharro, que em Roma fizera representar uma comedia allegorica em honra do rei de Portugal por occasião da sumptuosa embaixada que este enviou ao papa Leão X. Depois uma luzida armada de dezoito velas saiu a barra de Lisboa levando a nova duqueza aos seus estados. Pungentes deviam ser os sentimentos da infanta quando visse esvairem-se pouco a pouco no horisonte os montes de Cintra, d'onde talvez Bernardim Ribeiro contemplasse as velas semeando de pontos brancos o Oceano. Ficavam-lhe na terra que deixava as memorias da sua tranquilla puericia, da sua luminosa adolescencia, os amores então desabrochados como rosas da primavera, e ia procurar a corte menos luzida da Italia, um marido que subíra ao throno ducal no mesmo anno em que ella nascêra, e as amarguras da existencia n'um paiz collocado, como pequeno baixel, no meio das vagas procellosas, e onde se sentia, mais fortemente do que em outro qualquer, o sopro das tempestades que então agitavam a Europa.

V

Se fôra formoso o sonho, e se o alvorecer da existencia da infanta fôra illuminado por todos os esplendores da poesia, foi triste a realidade e cortada de amarguras a existencia, logo que o dever de esposa e de soberana se apoderou d'ella com todas as suas austeridades. Tem D. Beatriz esse ponto de contacto com Maria Stuart, outro vulto risonho que nos apparece cheio de encanto e de luz no meio d'essa sociedade tumultuosa. Tambem esta, quando acordou do sonho formoso que sonhára na corte de França, junto de seu fragil marido, nas devezas de Fontainebleau, entre Dubellay e Brantôme, se viu face a face com a rudeza da Escocia e com o turbilhão das revoltas. Mas Maria Stuart, incapaz de se curvar ás exigencias da vida real, levou para o throno escocez a leviandade nativa, leviandade que a arrastou ao erro, ao crime e á expiação. D. Beatriz soube arrancar da fronte a grinalda de rosas, não sem a banhar de lagrimas, e cumprir severamente os deveres de esposa de um principe infeliz, que soffreu todas as consequencias dos revezes do seu alliado, e que nunca aproveitou com as suas victorias.

Mal recebida em Nizza, obrigada a separar-se dos portuguezes que a acompanhavam, e com elles das ultimas recordações da patria, D. Beatriz, pouco depois da sua chegada a Turim, viu a peste assolar a cidade, e preludiar, com as desgraças terriveis que então acompanhavam essas epidemias, aos desastres não menos terriveis da guerra, que logo passeou por toda a Italia, esse eterno campo de batalha, o seu rubido facho. Vagueando de cidade em cidade, segundo as peripecias dos combates, assistiu de perto a essa pugna gigante da França e do imperio, e pôde ouvir o echo das pelejas em que se decidia, de envolta com os destinos da Italia, o destino de seu esposo. Foi durante muito tempo o seu anjo protector, pela influencia que exercia em sua irmã Isabel, e esta no animo de seu esposo, o imperador Carlos V. Mas a infelicidade do duque era mais poderosa do que a influencia benefica da duqueza. A Saboya desconjuntava-se-lhe nas mãos. Em 1533 o Valais e Genebra revoltaram-se e uniram-se á Suissa. Em 1536 o paiz de Vaud seguiu-lhes o exemplo e uniu-se ao cantão de Berne. Finalmente, em 1538 o imperador Carlos V, cançado de proteger um soberano a quem a má fortuna perseguia com tanta constancia, sacrificou-o no tratado que em Nizza concluiu com a França, e, para se consolar do sacrificio e apaziguar a consciencia, repartiu com o inimigo os despojos do alliado, e o resto da Saboya foi dividido entre a França e o imperio.

Aqui temos, pois, o pobre duque privado dos seus estados, e a filha de D. Manuel, que trocára pelo diadema de Saboya o amor de Bernardim Ribeiro, reduzida á triste sorte de princeza exilada. Era beber até ás fezes o calice da desventura, era expiar com sobradas amarguras o leite e mel da sua risonha adolescencia. Não resistiu a esse ultimo golpe; e, antes mesmo que em cheio o recebesse, quando ainda seu marido tentava um ultimo esforço, cortada pelos trances d'esses ultimos annos, succumbiu em Nizza no dia 18 de janeiro de 1538, em pleno sazonar da sua formosura, contando apenas trinta e quatro annos de edade.

No ultimo periodo da sua existencia foi-lhe allivio das suas tribulações um filho que tivera, e que dava já esperanças de conquistar um nome illustre, como effectivamente conquistou. Foi Manuel Felisberto de Saboya, um dos mais habeis generaes do seculo XVI, que, á testa dos exercitos de Filippe II, infligiu aos francezes memoraveis derrotas. A mais memoravel de todas foi a de S. Quintino, que poz a França a dois passos do abysmo, e que tanto jubilo deu a Filippe II, que, para dignamente a commemorar, fundou o Escurial, dedicado a S. Lourenço, porque no dia de S. Lourenço se ganhou a batalha. Essa peleja, que immortalisou o nome de Manuel Felisberto, foi ganha sobre o condestavel de Montmorency, e tão profundo golpe deu no coração da França, que os seus historiadores a contam no numero dos cinco ou seis grandes desastres militares, Crécy, Poitiers, Azincourt, S. Quintino, Malplaquet, Waterloo, que em differentes epochas desabaram sobre esse paiz, aliás tão favorito da victoria.

Este heroe, de que em parte nos podêmos gloriar,

[1] É este o *auto de Gil Vicente* do formoso drama de Garrett que tem este titulo.

porque lhe corria nas veias sangue portuguez, restabeleceu a fortuna da casa de Saboya, que seu pae lhe legára completamente perdida. Sem corôa, sem patrimonio, tendo apenas a sua espada e o seu genio, reconquistou os seus estados como um verdadeiro paladino. Foram-lhe elles restituidos em 1559 pelo tratado de Cateau-Cambrésis. As cinzas de D. Beatriz haviam de estremecer no tumulo de jubilo e de ufania quando o filho das suas amarguras, entrando triumphalmente em Turim, fazia de novo tremular nos ares a cruz de Saboya, a que estavam promettidos no longinquo porvir tão altos destinos, quando á sombra d'essa bandeira, em cujas pregas fluctuaria a liberdade, se viesse abrigar a Italia unificada.

Eis, pois, qual foi, em breve resumo, a historia da nossa gentil princeza. Doces auras de amor lhe bafejaram a manhã da vida, e a poetica lenda enquadrou-lhe o vulto em rosea moldura; amarguras profundas lhe anuviaram a tarde do seu curto dia. Ainda assim foi bello o seu destino. Amada por um poeta, mãe de um heroe, a sua casta fronte illumina-se aos olhos da posteridade com um duplo reflexo de gloria e de poesia.

M. Pinheiro Chagas.

SCIENCIA POPULAR

OS LEPIDOPTEROS DIURNOS

(Vid. pag. 351)

VI

As nymphalidas são a segunda grande divisão dos lepidopteros do dia, e pelos seus caracteres externos distinguem-se facilmente dos papilionides, de que tratámos nos capitulos antecedentes.

As nymphalidas poisam em quatro pés tão sómente, e os pés dianteiros são quasi atrophiados e improprios para a marcha. Nos tarsos faltam as pequenas garras. Estes lepidopteros habitam toda a terra, desde os climas hyperboricos dos polos até ás regiões tropicaes, aquecidas pelos raios abrazadores do sol. O grupo, porém, com andar tão espalhado, não perde os caracteres de familia, e os milhares de sub-grupos ou generos formam um todo completo e harmonico com cada uma das partes componentes.

As larvas variam mui notavelmente de especie para especie. N'uma são as lagartas de fórma cylindrica terminada por appendices carnosos; outras tem espinhos simples ou ramusculosos. Ora o corpo é elegante, liso, adelgaçado na parte posterior, ora a cabeça se ostenta tuberculosa, ora é pequena e inerte.

A fórmas tão várias e dispares nas lagartas succede uma uniformidade admiravel nas crysalidas. Todas são vasadas no mesmo molde; todas tem os mesmos caracteres e feições. A fórma é identica, e, em vez de se fixarem pelo meio do corpo, como os papilionides, deixam-se suspender de cabeça para baixo, pendurando-se pela extremidade opposta.

Grande numero de crysalidas rebrilham pelos cambiantes e furta-côres de oiro e prata. D'ahi lhes vem o nome, e porventura o amor de certos naturalistas antigos, que, enganados por apparencias traidoras, abraçaram a nuvem por Juno, e tomaram como metal-rei o que era apenas effeito de um pigmento candido sotoposto a uma camada de ar sob um tegumento fulvo e semi-transparente.

Nem tudo o que luz é oiro, diz um proverbio de eterna verdade, que ainda d'esta vez as gentis borboletas ensinaram aos homens.

As danaidas compõem a primeira tribu das nymphalidas, tribu que, por essa razão, se chama das danaidinas, cujas especies não pertencem, pela maior parte, á Europa. Entre as danaidas distinguem-se as helicornias, borboletas encantadoras, de fórmas elegantissimas e delicadas, realçadas por um colorido, cujos tons infinitos se combinam admiravelmente.

Todos os viajantes que percorrem a America do sul, e maiormente as regiões equatoriaes do Brasil, ficam espantados e estupefactos quando vêem este formosissimo lepidoptero esvoaçando alegre sob as ramadas gigantes d'aquella vegetação esplendida, cujas copas sombrias deixam passar, de quando em quando, um raio curioso de sol, que illumina docemente o incomparavel insecto, e dá realce á sua formosura sem egual.

Formam as nymphalinas a segunda tribu das nymphalidas, a qual contém grande sequito de generos.

Nas nymphalinas se encontram porventura os mais bellos typos de insectos da fauna européa.

Os nacarados, ou argynnes, são borboletas purpurinas, de um vermelho pallido e esmorecido, que voejam, de maio a junho, nas clareiras dos bosques, nas alamedas e avenidas.

As lagartas d'estes lepidopteros gentis vivem escondidas nas violetas, florinhas singelas que se escondem tambem no concavo dos valles, em sitios ermos e arredados.

Junto das borboletas nacaradas e das anelitéas, ha outro grupo muito conhecido pela sua formosura. São as cirandeiras, tão lindas e tão communs, que nos jardins folgam, brincam, volitam, espanejam as azas mimosas e brilhantes.

As cirandeiras são uns insectos amigos do homem. Nas ruas dos jardins, nas viellas dos casaes, nos atalhos cingidos de sebes, por entre todas as flores, surgem as cirandeiras, que com a ponta das azas vem roçar meigamente os cabellos loiros, as longas e formosas tranças que emmolduram o rosto... de outras borboletas, não menos elegantes e várias, e egualmente seductoras.

Entre as cirandeiras ha uma especie de incomparavel belleza, que os francezes denominam *paon-du-jour* (pavão do dia), e que nós chamâmos, creio, olho de pavão, cujas azas, elegantemente recortadas de um vermelho brilhante e nitido, tem no centro um matiz com fórma de olho, cujas tres partes principaes se ostentam córadas de negro, amarello e azul violaceo.

Com a primavera vem o olho de pavão; volta no estio, e ás vezes, quando as brumas outonaes já começam de cobrir a terra com o seu gaze melancolico, ainda o formoso insecto agita as azas pelas campinas, á espera do raio de sol que o aqueça.

Nas ortigas vivem as lagartas em communidade até á occasião da metamorphose. Roido um pé de ortiga, todas vão para outro. Quando, porém, chega o momento da transformação, cada qual bate as azas, e começa a gozar a vida airada dos campos e das flores.

As larvas são de um negro aveludado ponteado de branco. Cada annel, excepto o primeiro, tem uns aculeosinhos ramosos. As patas membranosas tem um circulo de pellos finissimos, com que a larva trepa pelos caules pouco resistentes das plantas herbaceas.

As lagartas transformam-se em crysalidas, fixando-se nas folhas das plantas que as alimentaram, ou nas circunvisinhas. Passados quinze dias, completou-se a metamorphose.

A cirandeira-tartaruga, cujas gerações se succedem rapidamente em todo o anno, e o Vulcano de azas negras arraiadas de escarlate, são outras especies proximas que tambem se alimentam da ortiga.

Muitas são as especies de cirandeiras que seria conveniente estudar, pelas curiosidades de sua conformação e habitos, se o espaço nos não faltasse.

Fallaremos, pois, da cirandeira denominada *carta geographica*, muito curiosa em virtude da variação do seu colorido, que chega a ponto de só modernamente, depois de muitos estudos, haverem concordado os observadores que havia apenas uma especie, com quanto a côr mudasse completamente no mesmo individuo.

Nos fins de abril, quando a natureza sacode as ultimas gotas de agua do seu manto esplendido de verdura, é doce percorrer as florestas.

O solo ainda humido engrinalda-se de flores. A violeta esparze as suas fragrancias. A relva ergue-se como por encanto. Nos reconcavos dos troncos gotejam as lymphas puras.

As arvores enramam-se, afestoam-se, como que para assistirem ás nupcias immensas da natureza, cujas flores, apenas desabrochadas, hão de transformar-se em fructos.

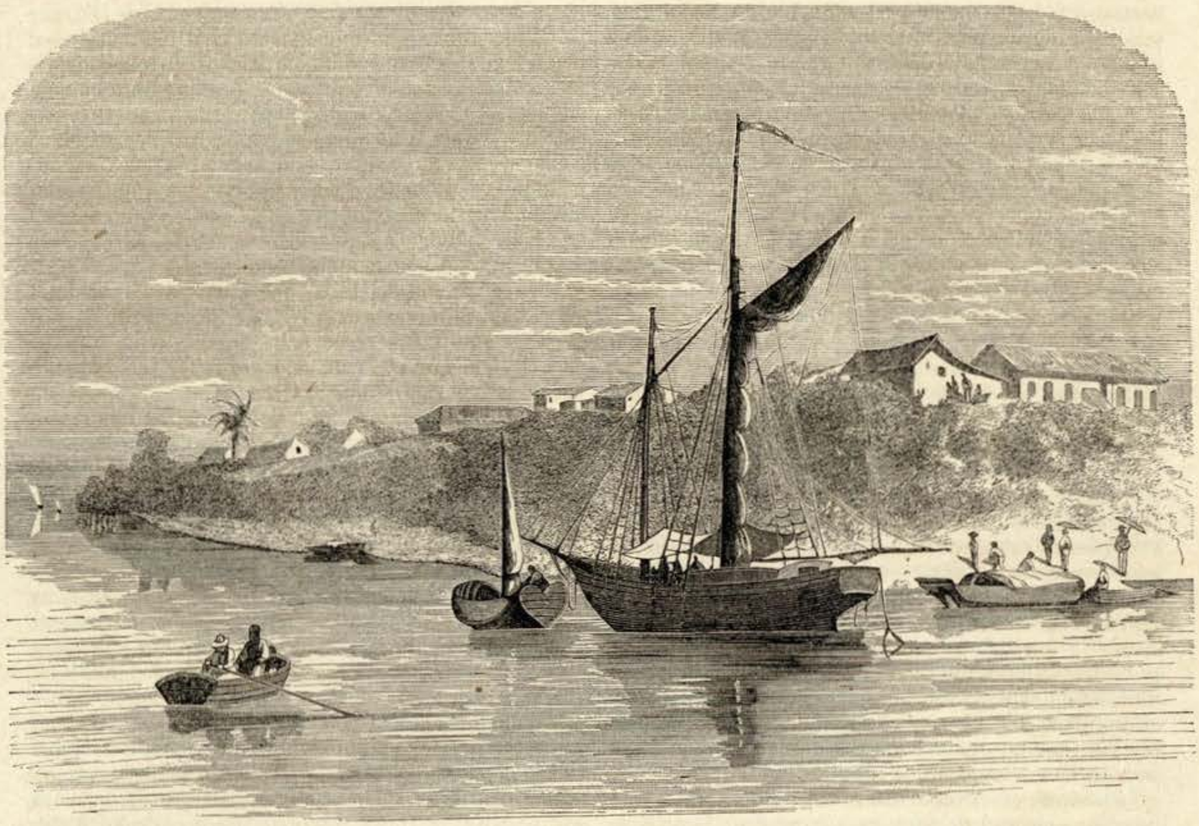
As cascatas, entumecidas pelas ultimas chuvas, precipitam-se pelas quebradas em largos lençoes espumantes; os arroios susurram brincando nos meandros.

Nos ares volteiam umas borboletasinhas multicôres, poisam logo nos ortigaes, que, sob o influxo benefico da humidade, á sombra do arvoredo, crescem e verdejam.

Estas borboletas são umas cirandeiras formosas de azas aveludadas, de côr fulva e viva, serpenteadas de linhas negras como as das cartas geographicas.

Vem junho estuante. Já as calmas do estio emmurcheceram as relvas e as flores, e seccaram as cascatas e arroios. A copa frondente das arvores mal resguarda dos raios ardentes.

Nas ortigas vêem-se uns cachos de lagartas negras ponteadas de branco e cobertas de pennugem ramosa. Estas larvas são a progenie das borboletas de primavera. Correm os dias; desfazem-se os cachos; cada lagarta busca a sua folha, onde se transforma em crysalida pardacenta.



Villa de Serpa, no Brasil

No mez de junho os insectos tem a vida intensa e rapida. Duas semanas depois apparecem novas cirandeiras cartas geographicas. Mas *quantum mutatus ab illo!* A cirandeira de julho é completamente diversa da cirandeira de abril. As azas são negras, e brancos os raios.

Mas não pára aqui a serie admiravel de transformações e metamorphoses. A maravilha vae mais além. A cirandeira de azas negras põe os seus ovos, e nos fins de agosto e durante o mez de setembro cobrem-se as ortigas de larvasinhas similhantes ás de junho. Como estas, as lagartas outoniças dependuram-se por um extremo e transformam-se em crysalidas.

Se o outono é estivo; se o sol, o astro radioso, fulge no horisonte e illumina as campinas com os seus raios de luz, outras borboletas apparecem em outubro. A coloração, porém, é diversa; nem é negra como em julho, nem fulva como em abril, mas sim intermédia. Quando, porém, a estação corre fria e pluviosa, as crysalidas hybernam, e, aos primeiros rebates da primavera, apparecem á luz do sol com as côres fouveiras que na primavera ostentam.

Qual a causa d'este phenomeno verdadeiramente curiosissimo e interessante? Ainda ninguem explicou satisfactoriamente caso tão singular e isolado.

Talvez a causa d'esta coloração resida na epocha em que tem logar a eclosão. É negra a côr quando a luz é viva e intenso o calor; é pallida e esmorecida no principio da primavera; e intermédia no outono.

Em geral, os animaes inferiores gozam em alto grau de uma faculdade maravilhosa de aclimação e de apropriação. As côres são sempre analogas ás dos objectos em que vivem, por melhor se forrarem aos inimigos. É, pois, á apropriação e aclimação que se deve principalmente a côr de grande numero de seres.

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

BRASIL

VILLA DE SERPA

Esta villa está situada em uma pequena ilha do Amazonas, que se ergue pouco acima da superficie da agua, e proximo da margem do norte d'este grande e magestoso rio.

A 50 kilometros de Serpa, rio acima, lança-se no Amazonas um rio caudaloso, a que os naturaes chamavam antigamente *Cayry*, nome que os portuguezes mudaram no de *Madeira*, que tem actualmente, em razão do muito arvoredo que lhe assombra as margens e povoa as ilhas que se levantam do seu leito. A 80 kilometros da mesma povoação, rio abaixo, fica a villa de Silves.

Teve Serpa por seu primeiro assento um terreno junto á foz do rio Matamá, que desagua no Madeira, na margem de léste, mais de 150 kilometros acima da sua barra. Era o sitio doentio por causa dos pantanos que havia nos arredores, formados pelas inundações do inverno. Porém, peior que um tal flagello eram os damnos que lhe provinham das invasões dos *múras*, tribu selvagem e feroz que vivia nas visinhanças. Para evitar estes perigos mudou-se a povoação para a beira do Canomá, rio affluente do Madeira.

Alli foi de novo accommettida pelos gentios, que a roubaram e incendiaram, com morte de muitos dos seus habitantes. Os que escaparam d'esta carnificina, abandonando o Canomá, foram edificar as suas casas junto do rio Abacaxis, tambem affluente do Madeira, mas a muita distancia do logar da catastrophe. Não foram mais felizes n'esta mudança, pois que, ao cabo de alguns annos, viram-se outra vez a braços com tão implacavel inimigo. Fugindo d'elle, foram-se estabelecer sobre a margem direita do Madeira, pouco abaixo do *furo dos Tupinambarânas*. Aqui perseverou a povoação por bastantes annos, e tanto augmentou pelo concurso do commercio e da agricultura, que foi elevada á cathegoria de villa.

Infelizmente, quando a povoação indefesa se considerava em segurança, em razão das muitas legoas que a separavam do territorio occupado pela tribu dos *múras*, foi subitamente assaltada por aquellas hordas, sequiosas de sangue e de pilhagem.

Foram grandes os prejuizos de todo o genero. Os pobres habitantes, receando, com razão, a continuação de similhantes ataques, visto que o inimigo tinha descoberto o caminho para a preza que lhes ia fugindo, recorreram ao governo, solicitando a transferencia da villa para o local em que ao presente se acha. Não nos consta o anno em que se realisou esta quinta e ultima mudança. Sabemos apenas que foi no terceiro quartel do seculo passado, posteriormente a 1759, pois que n'este anno ainda Serpa se mirava nas aguas do Madeira.

Todas essas desgraças que tem pesado sobre a villa de Serpa obstaram por longos annos ao seu desenvolvimento, apesar de se ver, em fim, livre dos seus terriveis perseguidores. Ainda hoje é uma povoação pequena e mal edificada. Porém a sua actual situação geographica, e a recente abertura do Amazonas á navegação de todas as nações, dão-lhe vantagens commerciaes de tal ordem, que o futuro se lhe mostra promettedor e risonho.

Está sentada a villa de Serpa sobre uma collina saibrenta, pouco elevada, verdejante por todos os lados, e banhada pela corrente do Amazonas. A egreja parochial, dedicada a *Nossa Senhora do Rosario*, é o seu melhor edificio. Ruas e casas, tudo é irregular e mesquinho. Porém o que lhe falta em bellezas de architectura e em commodidades da civilisação é compensado pela magestade do rio em que se espelha; pelas pompas da vegetação que adorna as suas cercanias; pela formosura das aves que fendem continuamente os ares, ou se baloiçam na ramagem das arvores, ou poisam nos telhados das casas, entoando sem cessar melodiosas cantigas; e, finalmente, pela magnificencia e variedade dos quadros que a natureza ostenta em volta da povoação.

Quanto ás condições do solo e do clima, escusado será descrever a feracidade e riquezas do primeiro, e a bondade e poder do segundo, pois que ninguem ignora, certamente, que nas regiões cortadas pelo Amazonas a primavera é constante, e a par dos fructos dos tropicos amadurecem e prosperam muitos dos que são oriundos dos paizes temperados da Europa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

UM ESCRIPTOR EXEMPLAR E POPULAR DA ALLEMANHA

(Conclusão. Vid. pag. 356)

II

Eis o specimen que citámos no antecedente artigo:

CARTA DE UMA DAMA IDOSA A UMA RAPARIGA RECEM-CASADA

«Minha filha.—És injusta para com teu marido, se pensas que elle te ama hoje menos do que no primeiro dia em que o conheceste. Teu marido é homem de natural ardente e activo, para quem são necessarios o trabalho e a diligencia, e que n'elles encontra o maior prazer. Quando o seu amor por ti exigia solicitude e actividade, o amor trazia-o inteiramente dedicado a ti; mas as difficuldades cessaram agora, porque houve mudança na posição de ambos, mas o amor de teu marido não mudou, como pensas.

«É preciso, minha filha, que attendas a esta differença natural e inevitavel; e se teu marido acha agora mais encanto nos seus negocios que nos teus sorrisos, nada ha ahi que deva offender-te. Desejarias que elle viesse assentar-se junto de ti, no banco de musgo de alguma gruta, como o faria nos primeiros tempos do teu amor, olhando para os teus olhos azues e fazendo o elogio da tua formosura. Desejarias que elle pintasse com as mais vivas côres as delicias do amor que os amantes sabem descrever com tanta arte e paixão, transportando a tua imaginação de enlevo em enlevo. Devo dizer-te que tambem foram esses os meus desejos, e, quando menos, no primeiro anno do meu casamento, não deixaram de ser satisfeitos. Isto, comtudo, não póde durar. O melhor marido é o que se mostra mais util e mais activo no seio da familia.

«Quando o amor não tem commoções nem desgostos; quando cada triumpho é apenas simples repetição de todo o principio; quando o exito perdeu com a novidade alguma coisa do seu valor, o prazer da actividade não tarda em procurar alimento proprio, e em breve se volta para novos objectos. A necessidade de uma occupação e de um progresso é da essencia das nossas almas. Se os nossos maridos são guiados pelo bom senso na escolha de uma occupação, não devemos affligir-nos porque não venham sentar-se, como outr'ora, junto de nós á borda do fresco regato e suspirar á sombra de uma faia.

«Tambem eu achei que tal mudança não podia supportar-se; porém meu marido fallou-me sobre este assumpto com grande sinceridade e inteira franqueza.

—«A alegria com que me recebes agora, me disse elle, não me occulta o teu desgosto, e a tristeza que revelas no olhar debalde tentas encobril-a com alegre expressão. Vejo que tu querias que só me occupasse de ti, e que passasse horas e horas ao teu lado n'algum banco de musgo, ajoelhado aos teus pés, e inebriando-me com o teu alento; mas isso não póde ser. Eu te desceria do alto de uma torre com uma escada de corda, e com risco de vida, se não podésse obter-te de outro modo; mas hoje, que estás tão bem junto de mim, que já se passaram os perigos e se venceram as difficuldades, a minha paixão não póde seguir o mesmo caminho. O que uma vez sacrifiquei ao amor proprio deixou de ser sacrificio. O genio da invenção, do descobrimento e da conquista, inherente ao homem,

exige nova senda. Antes de alcançar-te, empreguei os esforços que pude, como se tivesse de subir muitos degraus para chegar junto de ti. Agora que te possuo, colloquei-te no termo d'esses esforços e considero-te como o mais alto degrau a que espero chegar para ir ainda mais longe.—

«Confesso que gostei pouco da imagem da torre, nem me agradou tambem a honra do degrau mais alto aos pés de meu marido; no entretanto, o tempo e a reflexão ácerca do giro das coisas humanas convenceram-me de que não podia ser de outro modo. Voltei á minha actividade, que talvez se fosse enfraquecendo ante a lembrança do tempo dos passeios solitarios e do banco de musgo, para os cuidados domesticos; e quando ambos, depois de termos tido o dia bem occupado nos diversos trabalhos a que cada um se dedicára, referiamos á tarde o que fizeramos, elle nos campos, eu na casa ou no jardim, achavamonos mais felizes e mais contentes que o mais carinhoso par do universo.

«E o melhor de tudo é que este prazer ainda não nos deixou nos trinta annos que somos casados. Fallámos sempre com a maior animação nas coisas caseiras. Conheço bem o genio e a vontade de meu marido; cito-lhe dos jornaes que leio tudo o que póde agradar-lhe a respeito da historia do nosso tempo ou de litteratura; recommendo-lhe a leitura de certos livros, e sou a primeira em trazer-lh'os para elle os ver. Dou-lhe parte da minha correspondencia com os nossos filhos casados, e alegro-o com as boas noticias que recebo d'elles e dos nossos netos. Entendo tão bem as suas contas como elle, e sei tornal-as mais faceis tendo bem disposto e em ordem um diario de todas as despezas que faço. A minha escripturação, em o nosso livro caixa, não será inferior á de meu marido. Estamos, pois, acostumados á mesma ordem, ambos conhecemos bem os nossos negocios e os nossos deveres, e só temos um fim e uma regra para todos os nossos projectos.

«Se não fôra assim, minha filha, o que succederia se depois do casamento, como antes, tivessemos desempenhado o papel de ternos amantes, consumindo a nossa energia em protestos de mutuo amor? Chegariamos talvez a olhar um para o outro com enfado; teriamos em breve achado a gruta muito humida, o ar da noite muito fresco, a hora do meio-dia muito quente e a da manhã muito incommoda. Se não tivessemos desejo de ter visitas, os visitadores ou os visitados não nos dariam prazer; desejariamos ardentemente que elles se partissem do nosso lar, ou, quando fossemos a suas casas, desejariamos abbreviar o tempo de nos retirarmos de lá. Illudidos por effeminadas meiguices, careceriamos de continual-as e participar dos prazeres que de certo não nos alegrariam, ou seriamos obrigados a buscar um refugio á mesa do jogo, derradeiro logar onde os velhos podem figurar ao lado dos moços.

«Querias chegar a esse estado? Não, não, minha filha. Segue, pois, o meu exemplo, e não procures affligir-te nem affligas teu excellente marido com exigencias que não sejam razoaveis.

«Não julgues, todavia, que renunciei inteiramente o prazer de ver meu marido aos meus pés. As occasiões d'isso apresentam-se mais frequentemente ás mulheres que, em vez de procural-as, parecem até evital-as, do que áquellas que só pensam no banco dos musgos ou na sombra das faias, e desejam encontral-as todas as vezes que julgam agradar a seus amos e senhores.

«Canto muitas vezes a meus netos, quando vem visitar-me, uma cantiga com que costumava enlevar meu marido no tempo em que o seu amor tinha que vencer muitas difficuldades; e quando um dos pequenitos grita: «Mais, avó, mais!», dos olhos de meu bom marido saltam lagrimas de sincero jubilo. Perguntei-lhe um dia se acharia agora muito perigoso descer-me do alto de uma torre com uma escada de corda, e elle respondeu-me, gritando mais forte que o neto: «Mais, avó, mais!»

«*P. S.*—Minha filha, esquecia-me uma coisa. Parece-me que confias demasiadamente na tua causa e no teu bom coração, talvez tanto como nos teus lindos olhos azues, e que não fazes nenhum esforço para attrahir e encantar teu marido. Penso que és em tua casa o que apparentaste, ha uma semana, na reunião em que encontrámos a nossa excellente amiga F... Vi-te alli tão séria e silenciosa como se tivesses o proposito de enfadar mortalmente todas as pessoas. Não viste o desembaraço com que puz todos em movimento? Servi-me apenas de algumas palavras joviaes que dirigia a cada um sobre objecto que pensava ser-lhe agradavel e lisongeiro. Alguns momentos depois sentiamo-nos mais á vontade e mais felizes, e quando saímos levavamos o animo tranquillo e desassombrado. O que fiz lá, faço-o diariamente na minha casa, porque me esforço por tornar agradaveis assim a minha pessoa, como tudo o que me rodeia. Para isso é mister não deixar um homem entregue a si proprio, nem evitar trabalho para alegral-o e encantal-o, nem apparecer aos seus olhos com uma figura como se fôra a imagem da tristeza.

«Acredita-o, minha filha, não é tão difficil como pensas para uma mulher proceder com o marido por tal modo que elle permaneça, até onde seja possivel, como o antigo namorado. Já sou mulher edosa, mas sei que poderás fazer sempre o que te agrade. Uma palavra justa que te sáia dos labios a proposito não deixará nunca de produzir o seu effeito, e não terás necessidade de representar o papel da virtude desgraçada. Uma lagrima que se desprende dos olhos de uma rapariga que ama, diz um antigo proverbio, é como uma gota de orvalho sobre a rosa; mas uma lagrima na face da rapariga recem-casada é uma gota de veneno para seu marido. Faze, pois, a diligencia de apparecer sempre de bom animo e satisfeita, e crê que teu marido tambem estará contente; e quando o tornares feliz, sel-o-has egualmente, não na apparencia, porém na realidade.

«Não requer isto grande sciencia. Nada encanta nem lisonjeia tanto o homem como a felicidade de sua mulher; porque elle ficará orgulhoso de si proprio como se fôra a verdadeira origem d'essa felicidade. Quanto mais sereno e alegre for o teu animo, tanto mais viveza e energia encontrarás em ti, e em qualquer occasião se te offerecerá vez para proferires expressões agradaveis que satisfaçam e enlevem teu marido. A tua boa educação, que te dá grande vantagem, auxiliar-te-ha muito para conseguires isto; e a tua sensibilidade tornar-se-ha o mais bello e precioso dom que a natureza te concedeu, quando, manifestando-se por uma singular solicitude, imprimir em cada uma das tuas acções um caracter de suavidade, de ternura e de benevolencia, em logar de se anniquilar em profundissimos desgostos.»

B. A.

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 345)

XIV

CLAUSTROS

Nenhum outro edificio religioso de Portugal encerra tantos claustros como o convento de Christo, em Thomar, pois que n'elle se contam nada menos de oito. O mosteiro de Alcobaça, edificio vastissimo, onde em

tempos antigos viveram mais de novecentos religiosos, apenas possue cinco claustros. Os de Thomar tem, como os de Alcobaça, o merecimento de offerecerem aos estudiosos da architectura nacional specimens dos estilos architectonicos que predominaram em differentes epochas da nossa historia.

Desde os tempos mais rudes da arte e de maior singeleza dos costumes patrios, até ao periodo de mais brilho e florescencia da architectura do renascimento, e de grande corrupção de costumes, apresentam os claustros do convento de Christo typos muito interessantes, e um de singular magnificencia.

Proximo da capella-mór, para o lado de léste, encontra-se um claustro pequeno, de construcção solida, com a abobada dos seus lanços achatada, com a cantaria dos seus arcos tão grosseiramente lavrada e tão desataviada de adornos; um claustro, em fim, com tantos e taes signaes de antiguidade, que se denuncia aos olhos menos experientes como uma obra dos principios da monarchia. Sem que se possa determinar ao certo a epocha em que foi construido, parece, comtudo, ser da primeira fundação dos templarios. Cremos que os cavalleiros do Templo nenhum outro claustro edificaram. Sem embargo do seu instituto religioso, os seus habitos guerreiros, a sua vida, quasi inteiramente volvida nos campos de batalha, fazia-lhes desnecessarios os claustros.

São fundações do infante D. Henrique dois claustros: um que se acha ao presente em ruinas, e outro denominado *do Cemiterio*. D'este publicámos uma gravura a pag. 329, copiada de um desenho original de Barbosa Lima. Infelizmente o desenhador escolheu mal o ponto de vista, de modo que a gravura dá uma idéa inexacta d'este claustro, pois que o representa triste e de construcção pouco esbelta, sendo aliás muito alegre e um bonito specimen da architectura gothica ainda no seu estado de pureza. Este claustro tem uma só galeria, de quatro lanços, com arcos ogivaes, ou de ponto subido, sustentados por columnas duplas, delgadas e rematando em mui graciosos capiteis, guarnecidos de folhagem vasada e esculpida com delicadeza. O pavimento d'este claustro está em bastante elevação, e, como o seu nome o indica, serviu de enterramento dos freires de Christo. Nos lanços oppostos aos que a gravura mostra acham-se alguns bons mausoléos, mettidos em arcos abertos nas paredes dos ditos lanços. Um d'estes mausoléos, que é rico e bello, encerra os restos de D. Diogo da Gama, esmoler del-rei D. Manuel, e fallecido em 1523. Proximo d'este tumulo abre-se um portal, que dá entrada para uma grande casa, que suppomos, com algum fundamento, ter sido construida pelo infante D. Henrique para casa do capitulo, e que em tempos posteriores foi convertida em capella, e decorada com esculpturas e pinturas doiradas. Exerceu-se brutal vandalismo n'esta casa durante o periodo em que o edificio esteve abandonado. E não causa tambem pequena lastima ver ameaçada de ruina a abobada de um dos lanços d'este claustro.

Julgâmos ser fundação del-rei D. Manuel o *claustro de Santa Barbara*. É pequeno, mas de boa architectura no estilo gothico. Sobre o terrado de um dos seus quatro lanços cae a fachada de oéste da egreja, ficando, por conseguinte, muito inferior ao pavimento d'esta.

Contiguo a este claustro, para o lado do norte, está outro muito mais vasto, porém destituido de bellezas de architectura. Este claustro e o *dos Corvos*, representado em gravura a pag. 281, cópia de um desenho original de Barbosa Lima, são obra del-rei D. João III.

O seu estilo, pesado e desengraçado, tambem não se recommenda ao exame dos curiosos. As trazeiras da parte do convento, que é propriedade do sr. conde de Thomar, deitam para este claustro. Os outros lados d'elle pertencem ao estado. O claustro chamado *do Mixo* sómente é notavel por deitarem para um dos seus lanços superiores os portaes das salas em que se reuniram, conforme a opinião que se nos afigura mais acertada, os tres estados do reino, convocados por Filippe II de Castella no anno de 1581. São tres as salas, sem communicação entre si, e tendo cada uma apenas uma porta para o dito lanço.

Como o tecto das tres salas é muito mais alto que o da galeria do claustro, apresentam aquellas sobre esta tres fachadas, com seus ornamentos e de singular architectura no estilo do renascimento. A sala do centro tem, junto á parede do fundo, em correspondencia com o portal, um mui amplo degrau, como estrado, de fórma quadrangular, em cima do qual se deveria erguer o throno real. O pavimento da sala é de pequenos ladrilhos de côres em mosaico, hoje muito destruidos, e do mesmo modo se acha o tecto, que mostra variados lavores em estuque, e que ameaça completa ruina. N'esta sala se reuniu, ao que parece, o braço da nobreza. As outras duas salas, em que se juntaram os representantes do clero e os procuradores das cidades e villas que tinham voto em cortes, são inteiramente destituidas de ornatos. Como o logar d'este convento onde se reuniram aquellas cortes é ponto controverso, voltaremos a este assumpto em outra occasião, expondo os fundamentos em que baseâmos o nosso parecer.

O ultimo claustro na ordem chronologica é o primeiro de todos na sumptuosidade da fabrica. Apesar de que se lhe possa notar algum excesso na ornamentação, principalmente pela multiplicidade de columnas, é a mais grandiosa, a mais rica e bella obra que a architectura do renascimento produziu em o nosso paiz.

Está situado, como já dissemos, junto do adro do templo, e encostado á frontaria d'este, occultando a parte inferior do corpo da egreja. Contiguo, para o lado do norte, está o *claustro de Santa Barbara*. Tem aquelle muita vastidão, e é todo construido de fina cantaria, lavrada com esmero. Compõe-se de quatro lanços, cada um com duas ordens de galerias, eguaes nas decorações e muito esbeltas. Nos quatro angulos resaltam para fóra uns corpos, por onde correm interiormente as escadarias que communicam as galerias inferiores e superiores com o terrado que as coroa, e com o terreiro por ellas circundado. No meio d'este terreiro, que foi jardim, levanta-se a bastante altura uma soberba fonte, com seu lago em volta, e duas taças para a agua cair em lençoes, tudo de pedra lavrada com muita diversidade de esculpturas. Falta a este claustro, para estar acabado, a balaustrada que devia guarnecer os terrados superiores, e parte da que havia de cingir o lago.

É attribuida esta obra verdadeiramente monumental a tres monarchas fundadores. O padre Carvalho, na sua *Chorographia portugueza*, diz que lhe deu principio el-rei D. João III. A maior parte dos nossos escriptores attribue a fundação a el-rei D. Filippe II de Castella, continuando com as obras seu filho, D. Filippe III, e seu neto, D. Filippe IV. Alguns auctores pretendem que fôra D. Filippe III de Castella quem lançára a pedra fundamental.

Esperâmos ter outra occasião mais opportuna, e em que possamos dispor de mais espaço, para entrar em miudezas de descripção e em analyse de opiniões. Por agora limitar-nos-hemos a dizer que temos por mais provavel o parecer dos que attribuem a fundação d'este claustro a Filippe II de Castella, e o proseguimento da obra até ao ponto em que a vemos a seu filho e neto.

Era no claustro chamado *dos Filippes* que os freires de Christo, nas grandes solemnidades religiosas, faziam as suas procissões.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.